

**BIOGRAFIAS, AUTOBIOGRAFIAS E RELATOS DE VIDA NA AULAS DE
HISTÓRIA**

Jerônimo Adelino Pereira Cisneiros Galvão

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

jerosystem@hotmail.com

Introdução

Na presente comunicação apresentamos o produto didático-pedagógico que resultou da pesquisa exposta na dissertação: Biografia na Sala de Aula: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida (GALVÃO, 2019), no curso de Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Nesse curso, além de apresentar a dissertação com uma temática voltada para o Ensino de História é necessário apresentar também um produto que possua uma aplicação prática da pesquisa para o contexto das aulas de História.

Decidimos apresentar neste trabalho apenas o produto por dois motivos. O primeiro diz respeito ao tempo disponível para realizarmos a comunicação no Simpósio Temático, pois de fato, pretendemos aprofundar o debate específico acerca do produto em si como resultado, potencialidade e desafio do programa Profhistória. O segundo motivo é pelo fato de já termos apresentado comunicações acerca da dissertação em si em outros eventos, tendo sido as mesmas publicadas nos anais destes. Esses trabalhos foram desenvolvidos quando ainda estávamos no processo de escrita da dissertação, na II Jornada de Ensino de História de Pernambuco: questões contemporâneas na formação de professores/pesquisadores no ensino de história, com trabalho intitulado: Biografia na Sala de Aula: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida (2017). Posteriormente no XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PE: História e os Desafios do Tempo Presente, onde fizemos comunicação intitulada: Biografias e

Ensino de História: possibilidades na construção de saberes históricos em sala de aula. (GALVÃO, 2018).

Inicialmente, na pesquisa, partimos da questão norteadora: pode-se desenvolver a construção de saberes históricos significativos em sala de aula a partir do trabalho com biografias na atualidade? A medida em que a dissertação foi sendo desenvolvida ficavam cada vez mais claras as múltiplas possibilidades do uso de biografias como recurso didático nas aulas de História. Passamos então para uma outra questão, a saber: como desenvolver a construção de saberes históricos em sala de aula a partir do trabalho com biografias? É importante ressaltar que as biografias históricas passaram por profundas mudanças em seus pressupostos teórico-metodológicos nas últimas décadas do século XX, o que se faz sentir na atualidade com as inúmeras pesquisas acadêmicas e publicações que trazem a temática biográfica. O produto oriundo dessa pesquisa, apresentado no anexo da dissertação, intitulado: Orientações Didáticas Para o Trabalho Com Biografias, Autobiografias e Relatos de Vida nas Aulas de História, configurou-se como um guia para uso dos professores de História do Ensino Médio, que possibilita o trabalho com biografias, autobiografias e relatos de vida em um processo de ensino-aprendizagem significativo.

O guia desenvolvido é entendido como um instrumento que pode e deve colocar à disposição do docente, um conjunto de textos, atividades e reflexões sobre as possibilidades de trabalho com histórias de vida como recurso didático, com autonomia. Não se tratando de apresentar um roteiro prescrito de atividades, mas estratégias de trabalho com biografias, autobiografias e relatos de vida. Nossa intenção por meio deste produto didático-pedagógico é auxiliar os docentes através da apresentação de sugestões, caminhos e subsídios que possibilitem problematizar e trabalhar com histórias de vida em sala de aula no Ensino Médio. Visando estimular a construção de saberes¹ históricos pelo educando.

¹ Entendemos neste trabalho o saber como elemento que se desenvolve em uma dimensão intersubjetiva, como apresentado por Tardif (2012). O saber desenvolver-se-ia no espaço da própria sociedade em meio as relações do indivíduo frente ao outro. A argumentação enquanto dimensão intersubjetiva é um elemento privilegiado nessa concepção de saber. A vantagem dessa proposta reside no fato de que não há imposição aos saberes de um modelo limitado a abordagem científica. O que é racional (ou deixa de ser) não está

O trabalho com histórias de vida é apresentado, no material em questão, não através da simples adição de conteúdos ao currículo, pelo contrário, apresenta-se como elemento que articula a compreensão de diferentes contextos e acontecimentos históricos a partir dos indivíduos que o vivenciaram. Tomando por base tanto personagens históricos já conhecidos como também novos sujeitos.

Orientações Didáticas Para o Trabalho Com Biografias, Autobiografias e Relatos de Vida nas Aulas de História

O produto didático-pedagógico inicia com uma breve apresentação aos docentes de História do Ensino Médio. A partir daí a discussão aponta algumas questões de partida, onde são expostos, de forma sintética, alguns conceitos discutidos na dissertação como o que entendemos por guia para uso docente, assim como, discussões conceituais em torno de biografias, autobiografias e relatos de vida. A discussão conceitual perpassa por autores como: François Dosse (2015), Lígia Pereira (2000), Benito Schmidt (in CARDOZO; VAINFAS, 2012) e Kalina Vanderlei (SILVA in PINSK, 2010). Além disso, a partir desse primeiro ponto, também são apresentadas discussões introdutórias acerca dos caminhos e possibilidades para o desenvolvimento do trabalho com biografias nas aulas de história como, por exemplo, a possibilidade de trabalho por meio de projetos.

Após a parte introdutória de apresentação e das questões de partida, trazemos uma discussão presente em boa parte da dissertação de forma sucinta para o guia, a saber: Por que trabalhar com biografias nas aulas de História? Nesse sentido Kalina Vanderlei, nos diz que,

Não seria exagero afirmar que, hoje, muitos dos professores brasileiros sentiriam um calafrio só de pensar em utilizar biografias como tema de ensino. Isso porque quando eles próprios estavam na escola, uma das formas de estudar História era decorar datas e fatos relacionados aos heróis nacionais. (op cit, p. 13).

Entre as décadas de 1960 e 1980 o Brasil vivenciou um período de ditadura civil militar, onde estudar biografias em aulas de Moral e Cívica e de Estudos Sociais significava

posto *a priori*, porém desenvolve-se de acordo com os próprios atores envolvidos no processo argumentativo.

cultuar a memória de heróis nacionais, que representavam possíveis virtudes de uma estrutura de poder autoritária. Com o processo de redemocratização, em meados da década de 1980, o estudo de biografias nas aulas de História foi amplamente rejeitado por muitos professores que viam esse recorte temático como uma característica da “história tradicional” de viés autoritário. Embora as narrativas didáticas presentes no discurso de alguns professores e livros didáticos tenham permanecido atreladas a essa concepção de história em alguma medida, por um bom tempo. Há inclusive alguns resquícios na atualidade, afinal de contas, por mais estruturalista que seja a narrativa histórica em uma aula, dificilmente o docente escapará de personagens como Napoleão Bonaparte, Adolf Hitler ou Getúlio Vargas, seja através da sua própria explicação, seja por meio da curiosidade e perguntas dos educandos ou dos próprios livros didáticos que por vezes tratam de períodos históricos através do nome de um determinado personagem, como por exemplo, a era Vargas.

Em finais da década de 1960, porém, o estudo da temática biográfica passa a receber, internacionalmente, novos olhares o que levou a novas abordagens historiográficas na escrita de biografias por historiadores. Obras como *O Queijo e os Vermes*, de Carlo Ginzburg, marco da micro-história italiana, ou *São Luís*, de Jacques Le Goff, marco da nova história francesa, são exemplos das mudanças que vem se processando nas biografias históricas.

As biografias desenvolvidas na atualidade não são construídas da mesma forma que em outros períodos, vivenciam, de fato, uma profunda renovação, pois a preocupação central dos biógrafos, passaram do sujeito em si para os múltiplos fios que ligam o indivíduo ao seu contexto. Por outro lado, a própria escolha dos personagens a serem biografados passou por mudanças, inclusive pessoas comuns tornaram-se alvo de biógrafos e não apenas os indivíduos tidos como excepcionais. (SCHMIDT, 1997, p. 15-16).

Apesar das intensas discussões e mudanças em torno da utilização de biografias pela historiografia parece-nos, como apontado por Kalina Vanderlei, que há certa resistência de muitos docentes em relação ao trabalho com essa temática nas aulas de História. Essa resistência provavelmente se deve ao longo período de um uso factual e/ ou autoritário de biografias de heróis nacionais no ensino de História no Brasil. De forma que, trabalhar

com biografias em sala de aula soa a muitos como um ensino vinculado a “história tradicional” exemplar/heroica e factual.

No entanto, trabalhar com biografias históricas nas aulas de história a partir de seu perfil atual pode proporcionar processos de construção de saberes históricos levando os estudantes a perceber diferentes locais de produção do discurso histórico, conduzindo a uma interpretação cruzada e fugindo de uma história que parta de uma única linha discursiva e interpretativa, abrindo assim o leque de possibilidades para a aprendizagem histórica. Não se trata de maneira alguma de abandonar o ensino de história a partir dos contextos e/ou estruturas mas sim de problematizar tais categorias. Os discentes, através do trabalho com biografias ou outras formas de histórias de vida, teriam acesso a meios através dos quais possam organizar experiências históricas por meio de tramas onde as narrativas possibilitem aproxima-los do conhecimento histórico em sua complexidade e multicausalidade.

De fato, trabalhar com abordagens biográficas no ensino de história escolar, tratando-as sob o viés de uma história problema, além de superar seu modelo escolar factual, por outro lado, combate o problema do discurso único. Esse tipo de discurso é problemático por diversos motivos, dentre esses destaca-se a questão do desenvolvimento de estereótipos. Se trabalhamos em sala de aula, por exemplo, a questão das relações de gênero no Brasil Colonial, dentro de um viés estruturalista a explicação se dá de uma determinada forma, percorrendo determinados caminhos lógicos, se porém, apresentarmos mulheres que não se encaixavam nos padrões tidos como os mais comuns na época, se apresentamos biografias de mulheres que se rebelaram contra os papéis a elas impostos pela sociedade da época a história ganha novos contornos.

A personagem em questão nem precisa obrigatoriamente ser um caso excepcional normal², de alguma figura que fugiu dos padrões se rebelando contra eles abertamente. Mesmo se decidirmos trabalhar com a biografia de uma pessoa típica, seguidora dos padrões sociais em curso no período, podemos também elucidar estratégias individuais

² A categoria Excepcional Normal foi desenvolvida por Edoardo Grendi, para tratar de documentos aparentemente (ou realmente) excepcionais, que dão voz a grupos subalternos e/ou minoritários que se revoltam contra comportamentos e crenças da maioria. (GINZBURG; CASTELNUOVO; PONI, 1989.p.176).

de ação e reação dentro de determinada realidade social, fugindo da noção de passividade dos indivíduos frente aos contextos. Há espaço para trabalharmos com personagens que vão desde a Chica da Silva, da Júnia F. Furtado (2003) abordando-se as tramas na busca pela ascensão social da mulher negra em uma sociedade patriarcal e escravista até personagens desconhecidas do grande público como a vendedora Cândida Maria da Conceição na sua luta por autonomia na província de Pernambuco sob o Império, como nos mostra Maciel H. Silva (2011, p.105-129). Poderemos evidenciar inclusive micro-resistências individuais e coletivas no cotidiano que gerariam a percepção de que a passividade de sujeitos da história frente a realidade é um mito, desenvolvido muitas vezes por aqueles que não querem fazer tal grupo aparecer como protagonista de sua própria história.

Faz-se importante lembrar também o profundo vínculo do Ensino de História com a formação cidadã do educando, de forma que a educação histórica escolar deve levar a formação de sujeitos de direito. No entanto, antes de se reconhecerem como sujeitos de direito é importante que haja o reconhecimento da condição de sujeito, o estudo de trajetórias individuais em variados contextos históricos pode ter uma contribuição crucial nesse processo. De fato, ao compreender que pessoas agiram historicamente ao longo do tempo passamos a ter a percepção mais nítida de que agimos através da história também. Somos sujeitos da mesma apesar de e em meio a todos os elementos condicionantes que vivenciamos cotidianamente.

Além da questão da percepção de diferentes lugares de produção do discurso histórico e do autorreconhecimento enquanto sujeito da história o trabalho com histórias de vida pode suscitar no educando a questão da empatia com relação a outros sujeitos da história ao longo do tempo, pois eles não estarão lidando com incontroláveis forças estruturais que movem a história independentemente das pessoas, muito pelo contrário eles estarão lidando com pessoas, frente a problemas enfrentados em épocas diferentes, em um movimento de aprendizagem que inclusive personaliza a história através do desenvolvimento de um papel de representação dos contextos históricos por meio das trajetórias individuais.

Após a discussão sobre os porquês da biografia nas aulas de História a questão apresentada no material para uso dos docentes é central ao guia. Como trabalhar com histórias de vida no Ensino Médio? Flávia E. Caimi (2015) problematiza em seu trabalho as demandas que se apresentam ao trabalho do professor de história, diante da multiplicidade e complexidade do espaço escolar na atualidade, chegando à conclusão de que para se ensinar história a alguém é preciso entender de ensinar, de história e desse alguém, ou seja, para que a disciplina se torne envolvente, significativa e próxima dos interesses dos jovens é necessário que se conheça não apenas os saberes a ensinar e para ensinar, mais também os jovens com os quais trabalhamos, tendo em mente que, como nos diz Miguel Arroyo, “As vontades de estudar estão indissolvelmente atreladas às possibilidades e limites de ser e aos horizontes do viver”. (2014, p.103).

O professor de história não opera no vazio, mas a partir de saberes docentes (TARDIF, 2012) saberes históricos, valores culturais e políticos. É a partir da conjunção desses elementos com a prática da produção de conhecimentos históricos junto aos educandos que o docente deve partir no processo de utilização de histórias de vida como elemento de construção e/ ou potencialização de saberes históricos em sala de aula.

Para que o processo de construção de saberes históricos se efetive, com a utilização de biografias como recurso didático, é necessário o trabalho com base na explicação histórica a ser desenvolvida pelo docente. Entendemos aqui a aula como texto (MATTOS, 2007), pois uma aula de história nunca será mera transcrição ou repetição do material lido em determinada biografia ou mesmo nesse material. De fato, toda leitura é singular. Devido a essa singularidade das leituras e aplicações práticas do lido, o professor também se torna autor, pois é através do seu trabalho que o texto escrito ganha vida por meio da prática no cotidiano de sala de aula. Essa apropriação, seleção e tradução do material historiográfico a ser trabalhado em sala de aula tem como objetivo a relação entre professores e educandos no processo de ensino-aprendizagem a ser desenvolvido.

Podemos afirmar que a aula como texto é ao mesmo tempo uma construção individual e coletiva onde o aspecto central é a aprendizagem dos educandos, buscando-se na prática o que desde a Antiguidade Aristóteles afirmava, ou seja, “ensinar não é uma função vital, por que não tem o fim em si mesma, a função vital é aprender” (ARISTÓTELES apud

MATTOS, 2017, p.14). O trabalho que, dessa maneira, é realizado pelo docente ligando-se a produção de saber histórico na educação básica é chamado por Fernando Penna de operação historiográfica escolar.

O conceito de operação historiográfica parte da análise que Michel de Certeau desenvolve sobre a produção do conhecimento histórico na academia que se dá na combinação entre um lugar social, práticas específicas e institucionalizadas e uma produção escrita própria. A partir do lugar social de quem escreve e no qual ocorre determinada operação historiográfica se instauram os métodos e se delineiam os interesses, as fontes e as questões a serem propostas na pesquisa histórica. Toda interpretação histórica parte de um sistema de referência constituído por um lugar social onde está estabelecida uma instituição de saber histórico, formada por um grupo que se coloca como legitimador da produção historiográfica, a saber, os historiadores, que formam na prática a “comunidade científica” ligada a produção do conhecimento histórico. (CERTEAU, 2007).

No entanto, “a explicação histórica no ensino de história escolar não tem os mesmos objetivos e não segue as mesmas regras do conhecimento histórico produzido na academia.” (PENNA, 2013, p. 219). Para que esse processo de construção de saberes históricos se efetive na escola é necessária a construção da explicação histórica a ser desenvolvida pelo docente. Essa explicação ocorre por meio de uma operação historiográfica escolar voltada para a produção de um conhecimento histórico em uma versão local ligada ao ensino de história em sala de aula, adaptada as especificidades de cada turma, de acordo com suas características, por meio do processo de transposição didática³. Em suma, a construção da explicação histórica por meio da operação historiográfica escolar desenvolve o que Mattos chama de aula como texto.

Esta aula de história pode ser pensada como um momento de diálogo entre o professor e os seus alunos, no qual o primeiro vai realizar um grande esforço para que os alunos consigam entender os diferentes textos do conhecimento escolar aos quais eles têm acesso através de suas explicações em sala de aula e os alunos vão se apropriar de elementos deste conhecimento para construir o seu saber histórico, que ajudará compreender a dimensão histórica do mundo a sua volta e a orientar as suas ações.

³ O conceito de Transposição Didática, elaborado por Chevallard, e utilizado por Fernando Penna em sua Tese, trata do estudo da relação entre dois regimes de saber distintos, ou seja, aborda a transformação de objetos de saber em objetos de ensino.

Esta é uma das principais funções sociais do conhecimento histórico e ela é realizada pelo professor em sala de aula. (op. cit. p. 223).

Em todo caso é importante garantir que os educandos não se limitem a ouvir as narrativas do docente, mas participem ativamente na resolução de problemas a serem apresentados. Apresentamos no material a partir dessa discussão, possibilidades de tais operações didáticas a partir de projetos que levam em conta o trabalho com histórias de vida, ou seja, biografias, autobiografias e relatos de vida. Para o desenvolvimento de qualquer projeto, porém, é necessário observar duas questões básicas, segundo Selva Guimarães Fonseca (2003). Primeiro a intencionalidade. De fato, necessário a todo trabalho ligado ao desenvolvimento de projetos, sabendo-se que o mesmo precisa ser compreendido e desejado pelos estudantes. A segunda questão se refere a noção de que todo projeto visa a construção de um produto, as práticas necessárias a construção do mesmo deverão ser empreendidas pelos educandos com a orientação do docente. Trazemos no guia diversas possibilidades e exemplos de diferentes e possíveis projetos a serem trabalhados nas aulas de História e/ou de forma interdisciplinar.

No trabalho com biografias propriamente ditas em sala de aula, há inúmeras possibilidades didáticas apresentadas no guia como: a introdução a um determinado período histórico. De forma que buscar-se-ia despertar a curiosidade e o interesse do educando por um assunto que ainda não é conhecido por ele. Ou ainda, a Utilização de determinado personagem como ilustração do contexto histórico no qual o mesmo esteve inserido, seguindo o modelo das biografias modais⁴, como o Guilherme Marechal, de Duby (1987). Além do que pode-se também seguir a abordagem da problemática da multiplicidade do discurso e da realidade histórica, utilizando biografias onde o personagem aparece em sua multidimensionalidade multifacetada, como o Francisco Julião, de Porfírio (2016). Ou ainda utilizando casos Excepcionais Normais como o de Menocchio, presente na obra O Queijo e os Vermes, de Ginzburg (2006).

Com relação as autobiografias o guia apresenta duas possibilidades para o trabalho docente. A primeira é o trabalho com autobiografias de personagens históricos seguindo

⁴ Nas biografias modais os indivíduos são representativos de um determinado contexto, o valor da análise da vida de tal personagem não se refere a singularidade mais sim enquanto parte documentada de um determinado grupo social ou dos padrões culturais de uma época.

caminhos semelhantes aos trabalhos com biografias propriamente ditas. A segunda possibilidade é a produção autobiográfica produzida pelo próprio educando do Ensino Médio.

No caso da escrita autobiográfica produzida pelos educandos, a operação historiográfica escolar nos aproximará dos jovens e seus dilemas, problemáticas cotidianas, sonhos e anseios nos levando a entender as trajetórias humanas dos educandos ao mesmo tempo que reforça a ideia de garantia do direito a conhecer-se e ser reconhecido. Nesse sentido Arroyo, nos diz que: “As representações que os educandos fazem de seus tempos poderiam ser um material riquíssimo para aproximar-nos, com maior atenção, dos educandos e de seus tempos de vida.” (2014, p. 84).

Dessa forma, apresentamos no material didático-pedagógico possibilidades de desenvolvimento de projetos tanto através de biografias e autobiografias como através da escrita autobiográfica do próprio discente.

O trabalho com relatos de vida, por sua vez, apresenta um gênero híbrido entre a biografia e a autobiografia. Se desenvolvendo como relato de um sujeito-narrador, com a intermediação de um pesquisador-escritor. Tendo como característica o trabalho com a História Oral⁵. Dessa maneira, para operarmos com esse gênero em sala de aula é necessário que os estudantes e os professores tenham um certo domínio dessa metodologia. Tomamos como base, nesse sentido, o trabalho História Falada: memória, rede e mudança social. Desenvolvido pela equipe do Museu da Pessoa que,

Ao longo de seu trabalho, (...) desenvolveu uma metodologia para registro e difusão de narrativas pessoais baseada nas técnicas da História Oral. Essa metodologia foi a base inicial da atuação de seus profissionais e já resultou num diversificado acervo com cerca de cinco mil histórias de vida (2005, p. 200).

⁵ A História Oral possui atualmente três principais posturas, acerca de seu estatuto, dentre os pesquisadores que dela se utilizam. A primeira defende a História Oral como técnica, ou seja, os pesquisadores que trabalham com esse viés utilizam entrevistas de forma eventual, como fonte de informação complementar, porém negam-lhe qualquer pretensão teórica ou metodológica. A segunda postura busca atribuir o status de disciplina a História Oral. Os defensores desse viés reconhecem na História Oral uma área de estudos com objeto próprio, procedimentos metodológicos singulares, um conjunto próprio de conceitos e capacidade de gerar no seu interior soluções teóricas para as questões que se apresentam na prática. Por fim, a terceira postura defende a História Oral como metodologia, sendo, dessa forma, um método de investigação que estabelece e ordena procedimentos de trabalho na área da pesquisa e produção de conhecimento histórico. (FERREIRA in CARDOSO; VAINFAS, 2012).

No guia além de demonstrarmos métodos de trabalho com História Oral, possíveis de serem trabalhados por meio de projetos nas aulas de História do Ensino Médio, apresentamos também dicas importantes para os procedimentos de entrevista e processamento dos dados das mesmas.

Finalizando o produto para uso dos professores de História do Ensino Médio apresentamos alguns textos complementares, ou seja, trechos de obras biográficas históricas e um modelo de cessão de direitos com autorização de uso de imagem, som de voz, nome e dados biográficos em projeto pedagógico escolar. Para os docentes que pretendem desenvolver trabalhos com relatos de vida baseados na História Oral.

Considerações Finais

O que defendemos aqui não é uma volta ao ensino moralizante, factual e heroico de biografias, com personagens que personifiquem algo. Muito pelo contrário. A escrita de biografias históricas atualmente é desenvolvida dentro dos procedimentos de pesquisa, da problematização e das formas narrativas típicas da história. É portanto história, como nos adverte Benito Schmidt (2012). É esse modelo de biografias baseadas em uma História-Problema que pretendemos apresentar como recurso didático para o desenvolvimento e/ou potencialização de saberes históricos no espaço escolar.

Demonstramos através deste trabalho que é possível e mesmo necessária a construção e/ou potencialização de saberes históricos escolares, no Ensino Médio, em diálogo com a nova produção historiográfica, a partir do trabalho com biografias. Isso pode se dar através de um processo de Aprendizagem Histórica onde os educandos possam construir conhecimentos sobre si e sobre o outro reconhecendo-se como sujeitos de sua história pessoal, bem como do contexto histórico a sua volta.

O trabalho com biografias, dentro dos novos aportes teórico-metodológicos, nas aulas de História do Ensino Médio perpassam questões fundamentais na construção de alguns saberes históricos, como: o desenvolvimento da percepção dos diferentes lugares de produção do discurso histórico em contraponto a uma perspectiva apenas estruturalista; a

construção e problematização da questão identitária; o autorreconhecimento dos educandos enquanto sujeitos da história; o diálogo necessário entre o conhecimento histórico escolar e o cotidiano; além de ricas possibilidades de desenvolvimento de projetos interdisciplinares, devido as biografias serem um gênero de fronteira. Dessa forma, fica claro que uma abordagem que perpassse o recorte temático biográfico em sala de aula torna-se necessária ao desenvolvimento de alguns saberes históricos.

Além das biografias em si, desenvolvemos também perspectivas de trabalho baseados em outros formatos de sequência biográfica como a autobiografia e os relatos de vida. A autobiografia aqui entendida como uma auto narração do sujeito acerca de sua biografia não deixa de ser uma forma de biografia. Envolve entretanto as memórias pessoais do indivíduo a se auto narrar. Os relatos de vida, assim como as autobiografias também envolvem de forma profunda a questão da memória, indo além e incorporando também os métodos e técnicas da História Oral, pois é uma auto narração do sujeito desenvolvida por intermédio de um pesquisador-entrevistador, tornando-se uma espécie de autobiografia dirigida por um outro indivíduo, um mediador das memórias a serem narradas.

Referências

ARROYO, Miguel. **Imagens quebradas**: trajetórias de tempos de alunos e mestres. Rio de Janeiro: Vozes, 2014

CAIMI, Flávia Heloísa. O que precisa saber um professor de história? **História & Ensino**, Londrina, v. 21, n. 2. 2015. p. 105-124.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. 2ªed. São Paulo: edusp, 2015.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal**: ou o melhor cavaleiro do mundo. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: velhas questões, novos desafios. in: CARDOZO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 169-186.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas: Papirus, 2003.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o Contratador dos Diamantes**: o outro lado do mito. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GALVÃO, Jerônimo A. P. Cisneiros. **Biografias e Ensino de História**: possibilidades na construção de saberes históricos em sala de aula. In: XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PE, 2018, Recife, PE. Anais (on-line). Disponível em: https://www.encontro2018.pe.anpuh.org/site/anaiscomplementares#php2go_top Acesso em: 08/08/2019.

_____. **Biografia na Sala de Aula**: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida. (Dissertação Mestrado). CFCH/UFPE, 2019. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/432146> Acesso em: 08/08/2019.

GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVO, Enrico; PONI, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. “Mas não somente assim! Leitores, autores, aulas como texto e o ensino-aprendizagem de História”. **Tempo**, Campo dos Goytacazes, vol.11, n. 21, 2007. p. 5-16.

MUSEU DA PESSOA. **História Falada**: memória, rede e mudança Social, São Paulo: Museu da Pessoa/ SESC SP, 2005.

PENNA, Fernando de Araujo. **Ensino de História**: Operação historiográfica escolar. Tese Doutorado. Rio de Janeiro: CFCH/UFRJ, 2013.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, n.3. 2000. p. 117-127.

PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. **Francisco Julião em Luta com seu Mito**: golpe de estado, exílio e redemocratização do Brasil. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2016.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos**, FGV, v. 10, n. 19. 1997. p. 3-22.

_____. **História e Biografia**. In: CARDOZO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187-205.

SILVA, Kalina Vanderlei. Biografias. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) **Novos Temas nas Aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 13-28.

SILVA, Maciel Henrique. **Pretas de Honra**: vida e trabalho de domésticas e vendedoras no Recife do Século XIX (1840-1870). Recife/Salvador: EDUFPE-EDUFBA, 2011.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 14ªed. Petrópolis: Vozes, 2012.